
O excelentíssimo Camões de Cervantes, um tesouro sem igual e um soldado polaco

The most excellent Camões de Cervantes, a treasure without equal and a Polish soldier

Maria Fernanda de Abreu

CHAM / FCSH / Universidade Nova de Lisboa

DOI:

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.nEsp.a1420>

RESUMO

Recuperando algumas investigações e análises apresentadas anteriormente, no campo da literatura comparada, sobre relações – textuais ou outras – entre Camões e Cervantes, o presente ensaio visa, por um lado, trazer novos elementos, destacando as “semelhanças” observadas por biógrafos espanhóis de Cervantes e, por outro, assinalar a presença de Camões na última obra de Cervantes, publicada no ano seguinte da sua morte (1617), *Los trabajos de Persiles y Sigismunda. Historia setentrional*, cuja pertença ao género épico e ao *corpus* das narrativas marítimas nos convoca a uma leitura comparada com *Os Lusíadas*.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; Camões; Cervantes; *Os Lusíadas*; *Los trabajos de Persiles y Segismunda*; Épica.

ABSTRACT

Drawing on some previously presented research and analyses in the field of comparative literature on the relationships – textual and otherwise – between Camões and Cervantes, this essay aims, on the one hand, to bring new elements, highlighting the “similarities” observed by Spanish biographers of Cervantes and, on the other, to highlight the presence

of Camões in Cervantes's last work, published the year after his death (1617), *Los trabajos de Persiles y Sigismunda. Historia setentrional*, whose membership in the epic genre and the *corpus* of maritime narratives invites us to a comparative reading of *Os Lusíadas*.

KEYWORDS: Comparative Literature; Camões; Cervantes; *Os Lusíadas*; *Los trabajos de Persiles y Segismunda*; Epic.

É sabido que, ao contrário do que acontece noutras áreas de trabalho, não está bem visto que um investigador das Letras repita apresentações feitas anteriormente. E muito menos se aquelas foram publicadas (mesmo que ninguém as tenha lido). Ora, é esta a situação em que, em parte, agora me encontro: muitos dos dados que aqui reportarei, análises e comentários, tive já ocasião de os expor noutras lugares e tempos. Não todos, é certo. E, posto que os expus sempre em contextos de estudos sobre Cervantes e não sobre Camões e, quase sempre, em castelhano, considerou a nossa generosa editora que, nesta circunstância de celebração do Português, se justificava que eu aqui fizesse uma síntese daquelas publicações. É, pois, o que farei, delas retirando aqueles dados que mais possam interessar ao presente objectivo, sempre indicando em notas as publicações originais. E, por fim, introduzindo também dados novos.

CAMÕES E CERVANTES: PORQUÊ JUNTÁ-LOS?

Começo pelo mais recente. *Camões e Cervantes* é, precisamente, o título de um volume promovido conjuntamente pelo português Instituto Camões e pelo espanhol Instituto Cervantes, impresso em Espanha em 2018, com edição bilingue, como “Homenagem aos dois expoentes maiores da literatura ibérica e europeia” (Ramos, 2018, p. 8). Com o subtítulo “Contrastes e Convergências”, está composto por

dois excelentes ensaios de duas figuras cimeiras dos Estudos Literários de ambos países: Helder Macedo e Carlos Alvar.

Com o mesmo título, e apresentado como “Edição comemorativa do IV centenário da morte de Luís de Camões” tinha, em 1982, o aca-démico brasileiro Osvaldo Orico dado à estampa um livro com um subtítulo bem esclarecedor das linhas que o orientam: “Semelhanças da vida e dessemelhanças da obra”¹.

Até bem transcorrido o séc. XX, Camões e Cervantes foram aproximados sobretudo no campo biográfico: “quase contemporâneos, são (considerados) os maiores escritores das respectivas literaturas, para mais vizinhas, ambos dados às armas e às letras, ambos desgraçados, dizem, ambos a morrer na miséria, um cego, outro maneta” (Abreu, 2000, p. 817). Com estas palavras comecei uma comunicação que apresentei no I Congresso de Literatura Comparada, que se realizou em Portugal, em 1999. E acrescentei que “objecto privilegiado de gulas românticas, o romantismo mitificou-os tanto quanto pôde à medida das suas imaginações e das suas necessidades. O espanhol ajudou quanto bastava à criação do romantismo alemão” (Abreu, 2000, p. 817). E Camões, acrescento agora, reescrito por Garrett, ao lançamento e configuração do romantismo português.

Mas, antes de lembrar as biografias que os juntam ou aproximam, quero recordar dados bem factuais e inquestionáveis. Quando morreu Luís de Camões, em Lisboa, em 1580, Miguel de Cervantes tinha quase 33 anos e acabava de ser resgatado de um cativeiro de 5 anos, em terras de Argel, tendo aportado a terras do levante da Península Ibérica, no extremo oposto a Lisboa. Já estava, pois, morto Camões quando, pouco depois, veio Cervantes a Tomar, onde o rei Felipe II das Espanhas, acabado de converter-se em Felipe I de Portugal, reu-

¹ Cf. Orico (1982).

nia Cortes, que tiveram lugar de 16 de abril a 27 de maio de 1581. Procurava um emprego junto do rei o recém-liberto do cativeiro. Julga-se que esteve em Lisboa, que aqui começou a escrever a sua *Galatea*, biógrafos portugueses afirmaram, até, que a filha que teve era filha de uma portuguesa e que tinha combatido nos Açores contra os portugueses que apoiavam Don António, Prior do Crato contra Felipe. O último – filha e Açores – não é verdade, mas a estadia em Lisboa parece bem provável por como representa a cidade na sua obra, ainda que, até hoje, se não tenham encontrado documentos que o comprovem².

Vamos, enfim, ao que importa que é, nesta hora de celebração, Luís de Camões. Seguindo pelos caminhos da ficção, recorde-se o que já noutras ocasiões, anotei: que é António Lobo Antunes, nesse igualado e inesquecível romance, do melhor das letras portuguesas, *As Naus*, de 1988, quem tem a magnífica ousadia de juntar ambos, durante várias páginas, imaginando-os a voltar a Lisboa, de barco, retornados das ex-colónias de África, a jogar a sueca em cima do caixão do pai do português e percorrendo as ruas de Lisboa³. Um regresso contado primeiro pelo Narrador, e depois pelo próprio Camões [a que o Narrador nunca chama Camões mas sim “o homem de nome Luís”]:

² Registei e comentei já muitas das ficções que sobre Cervantes têm sido imaginadas em romances portugueses, que o representam “em carne e osso” pelas ruas de Lisboa e até por arredores como Almada e a serra da Arrábida. Cf. Abreu (2019).

³ Recolhi, e mostrei, por primeira vez, esta passagem do romance de A. Lobo Antunes, em tradução castelhana de Mário Merlino, na conferência plenária com o título “Cervantes en Portugal” que proferi no Congresso Cervantista internacional, que teve lugar em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, de 1 a 5 de Setembro de 2003, organizado pela Asociación de Cervantistas. Dele se publicaram 2 volumes, com o título *Peregrinamente Peregrinos*.

ao segundo almoço (conta o Narrador) conheceu um reformado amante de biscas e suecas e um maneta espanhol que vendia cau- telas em Moçambique chamado Dom Miguel de Cervantes Sa- vedra, antigo soldado sempre a escrever em folhas soltas de agen- da e papéis desprezados um romance intitulado, não se entendia porquê, de Quixote, quando toda a gente sabe que Quixote é ape- lido de cavalo de obstáculos [...] (Antunes, 1988, p. 20).

Atracam em Lisboa e, conta “o homem de nome Luís” (Camões):

ao décimo terceiro trunfo de copas, o das cau- telas levantou-se, Buenas noches, senhores, que tenho de ir a Espanha acabar o meu livro, só consigo rever provas com o sol cigano de Madrid à ca- beceira, prometo enviar pelo correio um exemplar autografado a cada um. [...] (Antunes, 1988, p. 21-22).

Pouco depois, é Vasco da Gama quem, confirmando o que havia contado Camões, narra como Cervantes, “o maneta das cau- telas”, lhe promete um poema à urna do pai:

Urinei à sombra de uma camioneta de frutas [...] a pensar em Dom Miguel de Cervantes Saavedra, que nos gritava por vezes episódios esquisitos de Dulcineias e moinhos [...]

Acabei de urinar no momento em que uma locomotiva arran- cou, confundindo o seu apelo com o apelo dos barcos, e tornei para o cais sem saber o que fazer com o trambolho da urna a que o maneta das cau- telas, num impulso absurdo de artista, prome- tera um poema, Apeio-me do cavalo em Madrid, tranco-me em casa e escrevo-o num segundo, não custa nada, ora que espiga, copio tudo em papel de carta de avião e dentro de um mês o má- ximo está cá (Antunes, 1988, p. 23-24).

“À semelhança de Camões”: as biografias

Vejamos, então, as biografias. “À semelhança de Camões” é expressão que surge repetidamente nas biografias portuguesas e na referida brasileira de Cervantes: semelhantes, dizem, nos infortúnios da vida militar, nos desterrados, pobreza e prisão e, até, nos “empregos” que conseguem obter dos seus reis: provedor de defuntos em Macau, o português; cobrador de impostos por terras andaluzas, o espanhol.

Latino Coelho, por exemplo, publicou no “Jornal Literário e Instructivo” *O Panorama* – recorde-se, fundado por Alexandre Herculano e, então, o mais importante periódico de implantação do romantismo – em várias entregas sucessivas, no ano de 1853, uma longa biografia de Cervantes, seguindo explicitamente “os seus mais escrupulosos biógrafos: Quintana, Pellicer, Mayáns, Ríos y Navarrete”. Introduz, pois, Latino Coelho, nesta sua biografia de Cervantes, o elemento que antes destaquei, isto é, a comparação com Luís de Camões: “grande e notável semelhança entre o mais ilustre escritor de Espanha e o mais inspirado cantor dos feitos portugueses” (Coelho *apud* Abreu, 2005, p. 48)⁴. Depois de dedicar uma longa página a biografar Camões, transita para Cervantes com a frase “À semelhança de Camões, [...] Cervantes [...]” (Coelho *apud* Abreu, 2005, p. 49), uma estrutura comparativa que repete ao longo de todo o texto. Repetidamente, pois, começa Latino Coelho a narração de um episódio da vida de Cervantes com a frase: “à semelhança de Camões”, chegando a este comentário: “tornava à pátria com os anos juvenis perdidos em lutas desumanas, com o peito retalhado de cicatrizes, e em es-

⁴ Nas comemorações que a Biblioteca Nacional de Portugal dedicou, em 2005, a Cervantes, foi publicado o volume *Ilustradores do Quixote na Biblioteca Nacional*, onde organizei a Antologia: “Cervantes e D. Quixote na Crítica Portuguesa de Oitocentos”, reproduzindo textos de Latino Coelho, de Pinheiro Chagas e de Maria Amália Vaz de Carvalho.

tado de repetir nas ruas de Madrid a lenda romântica de Camões, estendendo o morrião amolgado à caridade dos seus compatriotas” (Coelho *apud* Abreu, 2005, p. 60-61). E, quase a terminar: “em mais de um ponto foram, *como já notámos*, (sublinho) semelhantes os destinos de Camões e de Cervantes, do primeiro poeta português e do mais inspirado filho da musa castelhana.” (Coelho *apud* Abreu, 2005, p. 71).

A biografia de Latino Coelho será mais tarde editada em volume, com um prefácio de Pinheiro Chagas – que julgo o mais informado sobre Cervantes, naqueles tempos –, invocando também ele, como não, a “semelhança” entre as vidas de Cervantes e de Camões e começando por referir que é um dos biógrafos espanhóis, D. Martin Fernandez de Navarrete, quem “fêz notar a singular semelhança que houve entre o destino de ambos” (Chagas *apud* Abreu, 2005, p. 166).

Na verdade, “Escrita e ilustrada com varias noticias y documentos inéditos pertenecientes a la historia y literatura de su tiempo”, tinha o ilustre historiador e académico espanhol publicado, em 1819, em Madrid, na Imprenta da Real Academia Espanola, uma *Vida de Miguel de Cervantes Saavedra*, na qual, depois de contar da prisão de Cervantes pela suspeita de malversação de dinheiro público, escreve Navarrete:

estos desgraciados acontecimientos de Cervantes son muy parecidos á los del célebre poeta Luis Camoens, á quien después de otros infortunios acusaron algunos malévolos de malversador de los caudales públicos mientras administró la proveeduría de Macao, logrando se le formase causa y pusiese en la cárcel (Navarrete, 1819, p. 166).

E, a pretexto da biografia de Cervantes, conta ainda Navarrete sobre os infortúnios do “desgraciado Camões”:

acrisolada su conducta y comprobada la calumnia de sus enemigos, iba á salir de la prisión cuando lo embargó en ella un hidalgo de Goa por doscientos cruzados á que se decía acreedor; pero el virey, administrando justicia, amparó generosamente al desgraciado Camoens, que pudo de este modo vivir tranquilo mientras permaneció en aquel país⁵ (Navarrete, 1819, p. 166).

Por fim, no longuísimo índice onomástico do livro, destaca Navarrete: “Camões (Luis), poeta portugués; fue calumniado y preso en la India, 94; Apreciado de Cervantes, 392”.

De facto, antes de Navarrete tinha já outro biógrafo de Cervantes apresentado e desenvolvido a comparação. É Juan Antonio Pellicer, o ilustre bibliotecário e bibliógrafo, além de tradutor e cervantista, quem, nas páginas finais da sua *Vida de Miguel de Cervantes Saavedra*, publicada em Madrid, por don Gabriel de Sancha, em 1800, escreve⁶:

la pobreza del aparato fúnebre con que fue sepultado Cervantes, y la obscuridad en que vivió, pudieran reducirnos a la memoria los sucesos de la vida y muerte de Luis de Camoens, famoso poeta portugués, entre los cuales se observa mucha conformidad y semejanza.

Camoens fue hidalgo, soldado, poeta y pobre: Cervantes fue todo esto.

Camoens fue de ameno y festivo ingenio; Cervantes lo fue también.

⁵ 1819, publicación de la RAE. 660 págs. Pág. 391: “la permanencia de Cervantes en Portugal”. Tem Navarrete o cuidado de indicar, em itálico, que: “*Las noticias de Camões están tomadas de su Vida, escrita por Manuel Faria de Sousa, que precede a sus Comentarios sobre las Lusíadas: páginas 29.30.33. 42.51.52.53.56.*”

⁶ Para que se veja melhor a estrutura textual da argumentação comparativa, mudei-lhe a disposição gráfica que, no original, é consecutiva.

Camoens peregrinó por varios reynos, y perdió un ojo en la guerra: Cervantes peregrinó también en diversos países, y perdió la mano izquierda en la batalla de Lepanto.

Camoens, estando preso, escribió varias poesías: Cervantes escribió en la cárcel la Historia de Don Quixote.

Camoens vivía de la limosna, que pedía de noche un esclavo que traxo de la India: Cervantes, aunque tenía algunos bienes, recibía socorro de sus amigos y bienhechores.

Camoens recibía del Rey Don Sebastián una pensión tan moderada, que no le impidió morir en un hospital: Cervantes recibía otras del Arzobispo de Toledo y del Conde de Lemos, que lo impidieron de morir en él.

Camoens era de mediana estatura, de nariz larga, *con una elevación no desayrrada en la mitad (testigo de ingenio)*, los ojos vivos, el color blanco, el pelo rubio: Cervantes tenía el cuerpo entre dos extremos, ni grande, ni pequeño, el color vivo, el pelo castaño, la barba y vigotes rubios, los ojos alegres, la nariz corva.

Camoens, poco antes de morir, escribió algunos versos: Cervantes después de recibida la extrema-unción escribió la Dedicatoria del Persiles.

Camoens se enterró con notable pobreza y sin inscripción sepulcral en el convento de las monjas Franciscas de Santa Ana de Lisboa: Cervantes se enterró con pobre aparato y sin epitafio en el convento de las monjas Trinitarias de Madrid.

Camoens permaneció olvidado en el sepulcro hasta que don Gonzalo Coutiño mandó ponerle una lauda ó lápida de mármol, cuando ya se ignoraba el lugar de su sepultura con este epitafio: *Aquí jaz Luis de Camoens, príncipe dos poetas de seu tempo: viveu pobre e miseravelmente, e así morreu.* (1) Cervantes permanece olvidado todavía en el sepulcro, que también se ignora, sin saberse cuando alguna mano benéfica y patriótica le redimirá de aquellas tinieblas, sacándole a la luz de un magnífico cenotafio, donde quedase imortalizada la memoria del bienhechor con la del autor de la incomparable Historia de Don Quixote (Pellicer, 1800, p. 219-221).

Longas foram estas citações que por primeira vez reproduzo, mas que julgo sumamente interessantes.

Termino este assunto. O tempo foge e quero assinalar outros aspectos. Salto muitas décadas, só para notar que o tópico da semelhança entre a vida de ambos esplendidamente traçada por Pellicer (refiro-me também à construção textual da comparação) continuava a ser seguida no livro *Camões e Cervantes*, de Osvaldo Orico, que destaquei no início⁷; depois de começar por recordar e citar, traduzindo, o trabalho de Pellicer, assim começa o capítulo II do livro:

ambos soldados, ambos heróis, ambos sentimentais, ambos infelizes, ambos cristãos, ambos eruditos, ambos mendigantes, ambos valentes, ambos mutilados, ambos proscritos. Camões e Cervantes parecem filho do mesmo capricho do destino, que se satisfaz em forjar a glória no sofrimento e temperar o gênio na desgraça (Orico, 1980, p. 20).

Outra forma de aproximar Camões de Cervantes foi a de considerá-los, cada um deles, as “figuras centrais” das respectivas literaturas nacionais (assim, Fidelino de Figueiredo) ou a de fazer equivaler *Os Lusíadas* ao *Quixote*. Assim, por exemplo, Ramiro de Maeztu (m. 1936) escreve que: “sin *Los Lusíadas* no se puede entender el libro de Cervantes. Pero sin *El Quijote* tampoco se entienden *Los Lusíadas*”, e Jaime Cortesão (m. 1960) a considerar que “*Os Lusíadas* e o *Quixote* são um para o outro o verso e o anverso. Mas quem quiser conhecer a boa moeda, a moeda da lei peninsular, de timbre cheio e de ouro, tem que pesá-las nas duas obras e revê-las nas duas faces”. Ambos citados em epígrafe do capítulo do *Somos todos hispanos*, de Natália

⁷ E que, recorde-se, tem como subtítulo: “(Semelhanças da vida e dessemelhanças da obra)”.

Correia, que, em 1988, lhes segue o espírito e a letra, em defesa de uma certa “hispanidade” ou “peninsularidade”.

Bem diferente foi o propósito com que, em 1961, os pôs lado a lado António José Saraiva num ensaio intitulado “Os Lusíadas”, o ‘Quixote’ e o problema da ideologia oca”, onde faz o que ele próprio diz ser “a análise comparada das duas obras e da sua relação com a conjuntura histórica em que nasceram e a que se referem”. Do confronto, nesta análise, sai mal Camões. “O propósito declarado do poema – escreve A. J. Saraiva – é fundir em estilo épico a ideologia tradicional da nobreza ibérica, a ‘ideologia oca’ de dom Quixote”, que Cervantes critica. E que um “Camões-Quixote” exalta no seu poema⁸. Todos, aqui, julgando (e usando) ambas as obras nos campos ideológico e político.

CAMÕES NA VOZ DE CERVANTES

Torno agora a dados factuais.

São vários os estudos sobre a recepção de Camões em Espanha, de estudiosos de renome⁹, que sempre destacam a importância das quase imediatas traduções de *Os Lusíadas* ao castelhano, – logo duas em 1580 (diz-se que, por ordem de Felipe II) – na divulgação e circulação internacional da obra do poeta português¹⁰. E também, a

⁸ António José Saraiva, em *Vértice* (1961). Reimpresso em *História da Cultura em Portugal*, volume II, 1982. Elemento que já recolhi no referido congresso de 1998 (Abreu, 2000, p. 817).

⁹ Refiro-me a Dámaso Alonso, Figueira Valverde, Victor Aguiar e Silva e Nicolás Extremera.

¹⁰ Escreve Dámaso Alonso: “las versiones castellanas (con la difusión del castellano en el mundo) fueron un gran medio de propaganda de la fama de Camoens y de su obra, cuando esta no se había traducido aún a ningún otro idioma” (1973, p. 35).

importância da sua poesia. Cervantes referiu ambas, épica e poesia, explicitamente, e de forma laudatória. Assim, esses elementos que já Navarrete assinalava na sua biografia – que refere na passagem que já destaquei do Índice: “Apreciado de Cervantes, 392” – e que vários, entre eles eu, temos repetido. Assim, de claro:

1. Logo, em 1585, na sua *Galatea* (Libro primero, 1585) dirigindo-se a Benito Caldera, um dos tradutores de *Os Lusíadas* (1580), escreve Cervantes esta magnífica *laudatio*: “tu, que de Luso el sin igual tesoro/trujiste en nueva forma a la ribera” (Cervantes, 1585, versos 273-274 de “Canto de Calíope”)¹¹.
2. Em 1615, no *Quixote*, II, capítulo 58, diz uma das duas “zagalas” que se preparam para uma representação pastoril: “traemos estudiadas dos églogas, una del famoso poeta Garcilaso, y otra del ex-ceilentíssimo Camoes en su misma lengua portuguesa” (Cervantes, 1989, p. 477).

Recordemos todos os versos com que Cervantes celebra a tradução de Benito Caldera, que Navarrete abreviou:

Tu, que de Luso el sin igual tesoro
trujiste en nueva forma a la ribera
del fértil rio a quien el lecho de oro
tan famoso le hace adonde quiera:
con el debido aplauso y el decoro
debido a ti, Benito de Caldera,
y a tu ingenio sin par, prometo honrarte.
(Cervantes, 1585, versos 273-280 de “Canto de Calíope”).

¹¹ Ainda Dámaso Alonso: “el máximo novelista de España nos ha dejado así una prueba de su admiración por el mayor poeta de Portugal” (1973, p. 43).

POR FIM, AS VIAGENS MARÍTIMAS. A ÉPICA: *Os Lusíadas* E O *PERSILES*

Vimos, pois, que, até há não muito, os estudos comparatistas só contemplavam o *Quixote* para comparar Cervantes com Camões e com *Os Lusíadas*. Mas era preciso olhar para outro Cervantes – o da sua obra última e cimeira, publicada postumamente no ano seguinte ao da sua morte: *Los trabajos de Persiles y Segismunda. Historia Septentrional* (1617). Nela, alcançada já a fama e o reconhecimento dentro e fora da Ibéria¹², concretizou ele, em fim de vida, o seu projecto maior: *o de uma épica em prosa*, de que já tinha Cervantes, por boca do cónego, apresentado o plano no final do *Quixote* de 1605, em conversa entre o cura e o cónego de Toledo. “Que la épica – [tinham eles concluído] – tan bien puede escribirse en prosa como en verso” (Cervantes, 1990, p. 566).

Quem leu atentamente o *Quixote*, logo o primeiro, de 1605, tomou boa conta das “discussões”, ou se preferirem, as “conversas” literárias que nele ocupam lugar destacado. A começar na “condição” e altíssima qualidade leitora do protagonista (e até de mulheres como Marcela e Dorotea). Ora bem. Quase no final do livro de 1605, no capítulo 47, precisamente quando o fazem regressar a casa, enjaulado, vão na comitiva que o acompanha, entre outros, o cura do lugar e o cónego de Toledo e, entre os três, discorrem sobre a “matéria” dos livros de cavalaria “com outras coisas dignas de seu engenho”. Faz, então, o cónego, uma longa caracterização que se pode considerar como um plano para um livro, que disponha de “um longo e espaçoso campo por onde pode correr a pena sem impedimentos”, acabando com estas palavras:

¹² Basta recordar que o *Quixote* estava já traduzido na Inglaterra e parte em França e o que sobre a circulação do livro se diz no início da “Segunda Parte”, de 1615.

siendo esto hecho con apacibilidad de estilo y con ingeniosa invención, que tire lo más que fuere posible a la verdad, sin duda compondrá una tela de varios y hermosos lizos tejida, que después de acabada tal perfección y hermosura muestre que consiga el fin mejor que se pretende en los escritos, que es enseñar y deleitar juntamente, como ya tengo dicho. Porque la escritura desatada destos libros da lugar a que el autor pueda mostrarse épico, lírico, trágico, cómico, con todas aquellas partes que encierran en sí las dulcísimas y agradables ciencias de la poesía y de la oratoria: *que la épica tan bien puede escrebirse en prosa como en verso* (Cervantes, 1990, p. 566, grifo nosso).

Na sua leitura comentada deste capítulo, considera Darío Villanueva que, aquí, o Cónego “se erige em porta-voz do próprio autor do *Q.*”(Villanueva, c1977-2025).

E. Riley, que já em 1962, nesse livro imprescindível que é *Cervantes's theory of the novel*, considerou ser o *Persiles* a “experiência épica” de Cervantes, observa como “aqui se traça uma espécie de plano da novela ideal, que muito bem se pode interpretar como uma descrição do *Persiles*” (Riley, 1962, p. 87). E, por fim, em 2009, Michael Armstrong-Roche publica uma longa tese de 400 páginas sobre o livro, com o título *Cervantes's Epic Novel*¹³. Sempre, um e outro, tendo em conta *Os Lusíadas*.

A épica era, no cânone dos tempos de Cervantes, o mais alto expoente literário. Em português, “o luso tesouro” de Camões parecia ter já preenchido esse campo, tanto o português como o castelhano por via das traduções, em 1580; e em castelhano, existia também algo que não há-de menosprezar-se: *La Araucana*, poema épico, publicado em Madrid, em 1569, onde o español Alonso de Ercilla relata

¹³ Resenhado en *Criticon*, por Pierre Nevoux (2011).

a primeira fase da conquista de Chile, particularmente a Guerra de Arauco que pôs frente a frente espanhóis e mapuches¹⁴. E que, apesar de escrito por um espanhol do bando dos conquistadores, é considerado o poema épico do Chile¹⁵.

Pela minha parte, deixei há muito testemunho de como o poema de Camões me guiou na minha primeira leitura, fascinada, dos “trabalhos” do *Persiles*. Num ensaio, que intitulei “Leer a Cervantes en tierra de Camões. ‘Os Lusiadas’ y ‘El Persiles’: la literatura comparada y la lectura literária” (1999), guiada por teoria e metodologia comparatistas, assumi, então, o papel de um leitor português, não erudito nem conhecedor da literatura clássica nem da épica, mas com a memória literária de *Os Lusíadas* – situação que era a dos meus alunos –, e aí exercitei a leitura do *Persiles*. Composto por quatro livros e dividido em duas partes simétricas, que narram a peregrinação que os protagonistas realizam desde ilhas do norte da Europa até Roma: as duas primeiras, numa viagem marítima, que termina em Lisboa; as duas restantes, de Lisboa até Roma, por terra. Considerei, então, que o facto de, logo no 1º livro, os protagonistas ouvirem uma voz que chegava de outra barca, que cantava “em língua portuguesa”, pode ser o primeiro momento de cumplicidade com o texto. Tanto mais que o que canta aquele português, que se conhecerá como “o enamorado português” (tópico da literatura espanhola daqueles tempos – e que, neste caso, mais tarde saberemos chamar-se Manuel de Sousa Coitiño¹⁶) – é um soneto que desenvolve a conhecida metáfora marítima para falar do amor.

¹⁴ Ver estudo e edição de Isaías Lerner.

¹⁵ Há interessantes estudos comparando *La Araucana* e *Os Lusiadas*.

¹⁶ Figura histórica que tomará, mais tarde, o nome de Fr. Luís de Sousa, escritor renascentista e protagonista da peça de Almeida Garrett e que, tal como Cervantes, esteve cativo em Argel.

Na viagem marítima *inventada* por Cervantes (a *inventio*, claro), desenvolverá ele – que para isso a inventou – todos os motivos que a epopeia clássica lhe oferecia e o recurso narrativo da viagem, que tão bem tinha já experimentado e explorado e aprofundado no *Quixote*. Tempestades, aventuras, encontros, histórias e mais histórias, multiplicidade de narradores e gentes de muitos e variados lugares, de diferentes usos, vestes e línguas. Muitos “trabalhos” e não só os do par protagonista, não poucas vezes tão semelhantes aos da lusíada gente, recursos todos eles herdados dos mesmos modelos literários. E sem esquecer de exercitar em texto o velho *ut pictura poesis* (o episódio das bandeiras no canto oitavo d’ *Os Lusíadas*). Onde? Precisamente, em Lisboa, nos dez dias que ali passam os “peregrinos”, que aproveitam para encomendar a um pintor da cidade que lhes ponha em pintura alguns dos episódios vividos na viagem marítima. Por tudo isto e o mais que tem sido assinalado pelo estudo comparativo de ambas as obras, intitulei uma das minhas comunicações: “E o mar os uniu... Camões e Cervantes: viagem e épica” (1998).

Pouco ou nada conhecida no meio literário português, esta derradeira obra de Cervantes, há, pois, que assinalar a tradução de uma passagem por Camilo Castelo Branco que assim participava na polémica que, então, transcorria sobre se Cervantes e Manuel de Sousa Coutinho tinham travado conhecimento, ou não, durante os respectivos cativeiros na Argélia. E também José Cardoso Pires, que no seu *Lisboa-Livro de Bordo* colocou em epígrafe as palavras de elogio de Lisboa, em enfática exclamação, proferidas quando os peregrinos a avistam, ali aportando: *¡Tierra, tierra! aunque mejor diría: ¡cielo, cielo!*¹⁷ Em grata celebração de tal elogio e da importante presença de

¹⁷ Reproduzi o texto de Camilo no pequeno livrinho onde, em edição bilingue, reuni os três capítulos do *Persiles* dedicados ao “enamorado português”, a Lis-

Lisboa no livro, tiveram ali lugar, já neste século, dois congressos cervantistas internacionais dedicados ao *Persiles*¹⁸.

O CERVANTINO SOLDADO POLACO E AS FAÇANHAS CONTADAS POR CAMÕES

Termino com algo que me é muito caro. E que deixo à opinião de quem me lê. Como vimos, claramente explícita é a *laudatio* de Cervantes a *Os Lusíadas*. Não explícita é essa outra referência – que eu e talvez só eu no meio cervantista – insisto em ler como uma referência a *Os Lusíadas*, para a qual chamei a atenção, há tempo já: feita pelo soldado polaco em *Los trabajos de Persiles y Segismunda*. Considerei, então, e continuo a considerar hoje, que as últimas palavras de Ortel Banedre, o soldado polaco, encerram uma homenagem a Camões e à sua epopeia. Diz ele, quando os peregrinos o encontram, já por terras de Espanha, depois de terem partido de Lisboa:

‘quince años he estado en las Indias, en los cuales, sirviendo de soldado con valentísimos portugueses, me han sucedido cosas de que quizá pudieran hacer una gustosa y verdadera historia, especialmente de las hazañas de la en aquellas partes invencible nación portuguesa, dignas de perpetua alabanza en los presentes y venideros siglos. Allí granjeé algúñ oro y algunas perlas, y cosas

boa e às suas gentes: *A Lisboa de Miguel de Cervantes : ¡Tierra, tierra! aunque mejor diría : ¡cielo, cielo!* (2017).

¹⁸ Congresso Cervantista internacional, que teve lugar em Lisboa, na Fundação Calouste Gulbenkian, de 1 a 5 de Setembro de 2003, com ampla divulgação na imprensa, organizado pela Asociación de Cervantistas e que tive a honra de presidir. Dele se publicaram 2 volumes, com o título *Peregrinamente Peregrinos*. Em 2017, de 16 a 18 de Novembro, outro Congresso Internacional, “Cervantes y los mares, en los 400 años del Persiles”, que coordenei, realizado na FCSH, da Universidade Nova, de que se publicou o livro *Cervantes y los mares: en los 400 años del Persiles* (Abreu, 2019).

más de valor que de bulto, con las cuales y con la ocasión de volverse mi general a Lisboa, volví a ella, y de allí me puse en camino para volverme a mi patria, determinando ver primero todas las mejores y más principales ciudades de España.' (Cervantes, 2016, p. 495).

Perguntava-me eu, então, e continuo a perguntar-me: quem pode duvidar de que “esa gustosa y verdadera historia, especialmente de las hazañas de la en aquellas partes invencible nación portuguesa, dignas de perpetua alabanza en los presentes y venideros siglos”, que Ortel Banedre sugere que se faça, tinha sido, precisamente, o que Camões, além do mais, se tinha proposto fazer no seu grande Poema, *Os Lusíadas*? E veja-se as palavras com que o tinha apresentado L. Gómez de Tapia, o autor da outra tradução do Poema, publicada em Salamanca no mesmo ano da de Benito Caldera (1580), na Dedicatória da sua tradução do poema de Camões, que dirige ao Abade de Santa Sofia:

pues viniendo a mis manos una tal obra en lengua portuguesa de los claros hechos que los bellicosos Portugueses en el descubrimiento de las Indias Orientales hicieron, escrita en tal alta poesía que llega a la Eneida, vence la Tebaida, y es poco menos que la Ilíada, o Odisea de Homero, [...] pareciome trabajo no escusado, atrevimiento no loco, empresa y no fin honra acometer su traducción [...] (Gómez de Tapia, 1580, n/p.).

Dir-me-ão, talvez com um sorriso complacente, que exagero em ver nas palavras do soldado polaco uma homenagem ou tão só uma referência de Cervantes a Camões. Mania de comparatista que vê intertextos onde só há coincidências?... Vale. E continuemos a celebrar o Poeta.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Maria Fernanda de (ed.). *Cervantes y los mares: en los 400 años del Persiles: in memoriam José María Casasayas*. Berlin: Peter Lang, 2019.
- ABREU, Maria Fernanda de (ed.); ABREU, Nuño (il.). *A Lisboa de Miguel de Cervantes: ¡Tierra, tierra! aunque mejor diría : ¡cielo, cielo!* Lisboa: Colibri, 2017.
- ABREU, Maria Fernanda de. Cervantes e D. Quixote na Crítica Portuguesa de Oitocentos. *Ilustradores do Quixote na Biblioteca Nacional*. Portugal: Biblioteca Nacional, 2005. p. 41-178.
- ABREU, Maria Fernanda de. Cervantes en Portugal. *Peregrinamento peregrinos*. Actas do V Congresso Cervantista, 1 a 5 de setembro de 2003. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 3-14. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/literatura/cervantistas/congresos/cg_V/cg_V_04.pdf. Acesso em: 27 set. 2025.
- ABREU, Maria Fernanda de. E o mar os uniu ... Camões e Cervantes – Viagem e Épica. *Literatura e Pluralidade Cultural*. Actas do III Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, 1998. Lisboa: Edições Colibri/ Associação Portuguesa de Literatura Comparada, 2000. p. 817-823.
- ABREU, Maria Fernanda de. En Lisboa. Miguel de Cervantes, los lugares y las historias. NARANJO, Esther Bautista; JIMÉNEZ, Jorge Fco Jiménez (eds.). *En el país de Cervantes*. Estudios de recepción e interpretación. Madrid: Visor Libros, 2019. p. 27-50.
- ABREU, Maria Fernanda de. Leer a Cervantes en tierra de Camões. “Os Lusiadas” y “El Persiles”: la literatura comparada y la lectura literaria. In: VILLANUEVA, Darío; MONEGAL; Antonio; BOU, Enric (coord.). *Sin fronteras: ensayos de literatura comparada en homenaje a Claudio Guillén*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela [etc.], 1999, p. 113-127.
- ARMSTRONG-ROCHE, Michael. *Cervantes's Epic Novel*. Canada: University of Toronto Press, 2009.
- ALONSO, Dámaso, La recepción de Os Lusíadas en España (1579-1650). *Boletín de la Real Academia Española*, Tomo 53, 1973, p. 33-62.
- ANTUNES, António Lobo Antunes. *As Naus*. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Círculo de Leitores, 1988.

CERVANTES, Miguel de. *El Ingenioso Hidalgo Don Quixote de La Mancha*, I e II. Ed. Luis Andrés Murillo. Madrid: Clásicos Castalia, 1989-1990.

CERVANTES, Miguel de. *La Galatea*. Ed. Schevil y Bonilla/Florencio Sevilla Arroyo. Madrid: Imprenta de Bernardo Rodríguez, 1914. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/la-galatea--1/html/ff48f142-82b1-11df-acc7-002185ce6064_61.html. Acesso em: 23 out. 2025.

CERVANTES, Miguel de. *Los trabajos de Persiles y Segismunda*. Ed. de Carlos Romero Muñoz. Madrid: Ediciones Cátedra, Letras Hispánicas, 2016 [1617].

CORREIA, Natália. *Somos todos hispanos*. Lisboa: O Jornal, 1988.

MACEDO, Helder; ALVAR, Carlos. *Camões e Cervantes/Cervantes y Camões – Contrastes e convergências*. Edição bilingue. Madrid: Instituto Camões; Instituto Cervantes, 2018.

NAVARRETE, Martin Fernandez. *Vida de Miguel de Cervantes Saavedra*. Madrid: Imprenta da Real Academia Espanola, 1819.

NEVOUX, Pierre. El Persiles como novela épica. *Criticón*, [S. l.], n. 111-112, p. 237-259, 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/criticon/2576>. Acesso em: 30 set. 2025.

ORICO, Osvaldo. *Camões e Cervantes*. Semelhanças da vida e dessemelhanças da obra. Lisboa: Centro do livro brasileiro, 1980.

PELLICER, Juan Antonio. *Vida de Miguel de Cervantes Saavedra*. Madrid: Gabriel de Sancha, 1800. p. 219-221.

RILEY, Edward C. *Cervantes's theory of the novel*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

VILLANUEVA, Darío. Lectura de capítulo XLVII. [Don Quijote de la Mancha. Primera Parte]. *Centro Virtual Cervantes*. Instituto Cervantes, c1977-2025. Disponível em: https://cvc.cervantes.es/literatura/clasicos/quijsote/edicion/parte1/cap47/nota_cap_47.htm. Acesso em: 30 set. 2025.

MINICURRÍCULO

MARIA FERNANDA DE ABREU é investigadora integrada do CHAM - Centro de Humanidades. Foi professora de Literaturas e Culturas Comparadas, Portuguesa, Espanhola e Hispano-Americanas na Universidade Nova de Lisboa e, como visitante ou conferencista, em diferentes universidades europeias e brasileiras, e “visiting scholar” em Harvard e Brown

Universities (USA). É Académica correspondente da Real Academia Española e sócia honorária da Asociación de Cervantistas (e condecorada com la Cruz de Oficial de Isabel La Católica). Doutora em Literaturas Românicas Comparadas (1993) com uma tese sobre *Cervantes no Romantismo Português*, nas suas publicações destacam-se os estudos sobre a recepção e diálogos com a obra de Cervantes, as narrativas ibéricas e ibero-americanas, séc. XIX e XX, e as relações literárias e culturais entre Portugal y España. Entre outros, coordenou a secção sobre Géneros da *A comparative history of literatures in the Iberian Peninsula*. V. II (Benjamins Pub., 2016), e editou *Cervantes y los mares* (Peter Lang, 2019).